

CONCEPÇÕES DOCENTES NA EDUCAÇÃO DO CAMPO: INSERÇÃO DA CONTEXTUALIZAÇÃO NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Luan Danilo Silva dos Santos¹; Daysiane Roberta Pereira dos Santos²

Universidade Federal de Pernambuco. Email: danilo.ldss@hotmail.com; daysianer@gmail.com.

Resumo; Considerando o enorme descaso que vem tomando a educação do campo a fim de termos praticamente um cenário de educação urbana e de desenvolvimento no campo, tornando um paradoxo de pensamento e de filosofia, deixando de fazer sentido para os sujeitos e, com isso, causando desinteresse, o presente artigo é fruto de uma pesquisa desenvolvida durante a eletiva Educação do Campo, oferecida como componente curricular, no segundo semestre de 2016, no curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco - Centro Acadêmico do Agreste (UFPE/CAA). O estudo teve como objetivo compreender quais relações são estabelecidas entre a contextualização do campo e a vivência, valores e saberes dos sujeitos campestres e o processo de ensino e aprendizagem em escolas situadas no campo. Para tanto, procede-se à uma pesquisa qualitativa efetivando-se com uso de entrevista semiestrutura tendo como colaboradoras duas docentes de escolas do campo, do município de Caruaru que fica localizado no agreste de Pernambuco, sendo os resultados analisados por meio da Análise de Conteúdo. Os resultados, a princípio, nos revelam que a contextualização articulada com o ensino e a aprendizagem podem, entre outros muitos aspectos, viabilizar, através de um acompanhamento proveniente da atuação docente, situações reflexivas para o aluno sobre seu contexto e sua vivência, bem como a valorização de diferentes culturas, valorização da comunidade e da valorização dos próprios e ricos saberes, tornando assim um processo facilitador e muito mais significativo para todos os sujeitos envolvidos do campo, onde se tornam centrais nesse processo de formação humana.

Palavras-chave: Educação do campo, Contextualização, Ensino e Aprendizagem.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objeto de estudo a inserção da contextualização do campo e dos sujeitos do campo no processo de ensino e aprendizagem. Resulta dos estudos realizados durante a eletiva Educação do Campo, ministrada pela Prof. ^a Dr^a: Maria Fernanda dos Santos Alencar, na qual foi possível aprofundar as discussões sobre diversas problemáticas em torno da Educação do campo, nos possibilitando refletir sobre esta temática e delimitar um tema para pesquisa.

Como objetivo geral temos: compreender quais relações (articulações) são estabelecidas entre a contextualização do campo e o processo de ensino e aprendizagem. E como objetivos específicos: identificar que recursos didáticos são utilizados pelos docentes

¹ Mestrando no Programa de Pós- Graduação em Educação de Ciências e Matemática PPGECM-UFPE, Membro do GPEHCC atuando na linha de pesquisa sobre Didática das Ciências, Formação de Professores e na linha de Mapas Conceituais.

²Graduanda em Pedagogia, membro do Núcleo de acessibilidade da UFPE-NACE e integrante do LAPPUC com linha de pesquisa e estudo sobre Gênero, sexualidade e Práticas Educativas.

para a inserção da contextualização do campo no processo de ensino e aprendizagem dos sujeitos do campo; analisar a partir da concepção docente as contribuições para o processo de ensino e aprendizagem por meio da contextualização.

Tal estudo justifica-se pela necessidade de refletir sobre o olhar docente no processo de ensino, tomando por base a contextualização do campo, como um elemento fundamental no processo de ensino e aprendizagem, no sentido em que a realidade do aluno esteja inserida também no contexto educacional, considerando suas vivências, identidade, tornando-se muito mais significativa para esses.

Entendemos que contextualizar o campo e sobre os sujeitos do campo é um elemento primordial para a educação do campo, porque possibilita aos sujeitos uma relação cultural, social, política, valorativa e de enriquecimento se inserida no processo de ensino e aprendizagem. Compreendemos, sobretudo, que não é uma articulação de fácil desenvolvimento, pois, exige planejamento, pesquisas, interação, reflexões e análises por parte dos docentes.

Percebemos ainda uma grande fragilidade na educação do campo, principalmente no que diz respeito ao ensino e aprendizagem sendo esse um processo que deve ser constituído partindo dos sujeitos, contemplando suas especificidades devendo ser realizado de maneira contextualizada, integrando os diversos saberes e identidades entre outros elementos fundamentais para o processo educativo de formação humana emancipatória.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Entendemos que a Educação do campo tem como foco principal uma formação humana e pedagógica que incorpore em seu currículo as especificidades dos sujeitos camponeses, tornando-os sujeitos autônomos, participativos e constituintes de sua formação que se vincula aos aspectos da valorização coletiva e individual, históricos, cultural e social. Nessa perspectiva Munarim et al. (2010, p. 12) explicita que “Trata-se, portanto, de uma educação *dos* e não *para* os sujeitos do campo, que combine pedagogias de maneira a fazer uma educação que forme e cultive identidades, autoestima, valores, memórias, saberes, sabedoria”.

É por meio do processo de ensino e aprendizagem que os educandos desenvolvem a autonomia, a valorização da cultura e da linguagem de forma mais interativa e dinâmica, tornando-se mais significativo para os sujeitos que estão no processo ensino e aprendizagem.

Ainda em Munarim et al. (2010, p. 12) temos que “A identidade da escola do campo é definida não exclusivamente pela situação espacial não urbana, mais prioritariamente pela cultura, relações sociais, ambientais e de trabalho dos sujeitos do campo que a frequentam”; e nesse sentido a escola tem o papel de acolher os sujeitos do campo e não somente dar acesso ao ensino, mas dar condições para que se efetive um ensino de qualidade que atenda às necessidades reais de cada cultura e comunidade campesina. Nessa dimensão, Arroyo, Caldart e Molina (2004, p.66) dizem que:

Na Educação do Campo o processo educativo deve ser compreendido como uma prática de liberdade, vinculado à dinâmica social e cultural, contribuindo com os processos de transformação, visando à justiça e a humanização da sociedade.

Ou seja, a contextualização do campo e da vivência, história, memória, cultura e saberes dos sujeitos do campo tornam-se elementos fundamentais para aproximar o processo de ensino e aprendizagem à realidade vivenciada pelo aluno, contribuindo com esse processo de transformação que se vincula ao fator social e cultural. O principal orientador deste processo educativo é o professor que de acordo com sua didática pode refletir sobre esses sujeitos e seus contextos e integrá-los no contexto da aprendizagem.

Entende-se a didática como, as ações dirigidas pelo professor que tem como objetivo central elaborar a melhor maneira de se trabalhar o processo de ensino- aprendizagem para com seus alunos, levando em consideração a realidade que engloba os mesmos. Libâneo (2012) nos diz que:

A didática, assim, realiza objetivos e modos de intervenção pedagógicos em situações específicas de ensino e aprendizagem. Tem como objeto de estudo o processo de ensino-aprendizagem em sua globalidade, isto é, suas finalidades sociais e pedagógicas, os princípios, as condições e os meios da direção e organização do ensino e da aprendizagem, pelos quais se assegura a mediação docente de objetivos, conteúdos, métodos, formas de gestão do ensino, tendo em vista apropriação das experiências humanas social e historicamente desenvolvidas (p. 39).

Acolhemos também o que Mizukami (1986) expõe sobre o papel da escola, considerada como um local onde professores e alunos aprendem um com o outro, assim, o “ensino e aprendizagem assumem um significado amplo, tal qual é dado à educação” (MIZUKAMI, 1986, p. 97), bem como quando se refere ao papel

do professor como possibilitador de um processo educativo reflexivo e contextualizador para o desenvolvimento do ser crítico e autônomo “um professor que esteja engajado numa prática transformadora procurará desmistificar e questionar, com o aluno, a cultura dominante, valorizando a linguagem e cultura deste, criando condições para que cada um deles analise seu contexto e produza cultura” (MIZUKAMI, 1986, p.99).

No campo educativo é muito pertinente o desenvolvimento da criticidade, autenticidade, autonomia e o exercício da reflexão no processo de ensino e aprendizagem em que se viabiliza a interação e contextualização dos sujeitos. Nesse sentido, o movimento camponês reivindica uma educação emancipatória. Segundo Munarim:

São princípios pedagógicos defendidos por esse movimento, dentre outros, que as práticas educativas nas escolas devem levar em conta o contexto dos sujeitos do campo, em termos de sua cultura específica; a maneira de ver e se relacionar com o tempo, o espaço, o meio ambiente, e o modo de viver e de organizar o trabalho (2010, p. 11).

Compreendemos que a educação do campo condiz com as vivências do campo e que busca inserir no processo de ensino e aprendizagem a identidade dos povos camponeses.

METODOLOGIA

Pesquisa realizada a partir dos estudos durante a eletiva Educação do Campo, desenvolvida no semestre de 2016.2, na Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, Centro Acadêmico do Agreste – CAA, como pré-requisito do processo avaliativo do componente curricular citado.

Neste estudo, analisamos as concepções dos docentes sobre a inserção da contextualização do campo e da vivência da população camponesa no ensino e na aprendizagem. Para dar conta deste objetivo, fizemos uso da pesquisa qualitativa, e por meio da entrevista semiestruturada, buscamos o diálogo com duas (2) docentes da educação básica de uma escola do campo, localizada no território rural de Caruaru-PE. Essas docentes foram denominadas de D1 (docente 1) e (docente 2) D2. Segundo Manizini (1991, p. 154): “A entrevista semiestruturada está focalizada em um assunto sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista”.

Adotamos por perspectiva metodológica para análise das entrevistas, a análise de conteúdo que, de acordo com Bardin (2010), pode ser definida como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando obter, por meio de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (p.42).

Para além da entrevista semiestruturada, a pesquisa contemplou a pesquisa bibliográfica em bibliotecas locais e acervos particulares.

ANÁLISE DOS DADOS

Nossa análise pauta-se sobre o ponto de vista do docente e sua concepção em torno do processo de contextualização do campo e da vivência do sujeito camponês na perspectiva do ensino e aprendizagem; e, nesse sentido, realizamos significativas reflexões sobre a Educação do campo no cerne do processo de ensino e aprendizagem, partindo das concepções docentes sobre a temática analisada, entendendo-o como um processo complexo que precisa ser refletido, pensado e analisado.

A Educação do campo busca atender e resgatar também as diferenças históricas e culturais, retratando a diversidade sociocultural do campo, a valorização da identidade, do trabalho, dos diferentes saberes e a efetivação dos direitos dos povos camponeses (ALENCAR, 2010). Nesse cenário, a educação surge como elemento de conscientização, valorização e emancipação das lutas camponesas por melhores condições de vida e reconhecimento de suas raízes. “A pretensão é que a escola do campo incorpore a luta do seu povo, a sua cultura, as suas memórias e que o campo seja reconhecido como lugar de vida, de produção, com um projeto de desenvolvimento” (ALENCAR, 2010, p. 209). Em sua fala destaca a necessidade de articular o ensino com os diversos conhecimentos e saberes, com o trabalho realizado pelos povos camponeses podendo tornar-se a escola um instrumento emancipatório destes sujeitos, revelados no processo ensino e aprendizagem sendo ressignificados por meio de um processo chamado de contextualização.

A contextualização no processo de ensino e aprendizagem possibilita uma maior aproximação com a vivência dos sujeitos em que possibilitando que a educação seja também constituída por eles, tornando-se protagonistas do seu processo

formativo. Estabelece assim uma relação de emancipação dos sujeitos que possibilita a visibilidade das diferentes culturas, memórias, histórias, diversidade e produção sobre suas experiências cotidianas no meio cultural e social entrelaçados com seus conhecimentos formativos que passam a ter muito mais significância e sentido para eles. Nesse sentido, a concepção da docente trata que:

A educação contextualizada é uma alternativa para aproximar a escola da comunidade onde está inserida. O professor tem que utilizar elementos da contextualização e da realidade junto as suas práticas de ensino. Aplicando as reais necessidades e interesses dos alunos campestinos, trabalhando projetos e atividades relacionadas ao meio em que vive o aluno, fazendo com que ele valorize seu lugar. Os elementos mais considerados são: Os meios de sobrevivência, cultura, tradições e costumes, pois, cada comunidade campestina tem suas tradições e com isso a escola procura trabalhar com os alunos a praticar e vivenciar esses valores (EXTRATO DE ENTREVISTA, D1, OUTUBRO, 2016).

Através da fala da docente D1, analisamos que há uma apropriação de conhecimento no que diz respeito à prática de ensino refletida nos sujeitos do campo, em que se baseia um planejamento voltado para as necessidades do aluno, pensado de um ângulo global partindo de sua realidade para a comunidade como um todo, reconhecendo as diferentes realidades entre as comunidades pertencentes aos territórios rurais e os elementos relevantes que as constituem.

Dessa forma, a contextualização produz grandes avanços no processo emancipatório e de ensino e aprendizagem, no sentido em que possibilita a valorização e desenvolvimento de um ensino que se constitui a partir dos sujeitos, que envolve a comunidade como referência desse processo formativo.

O desenvolvimento desse processo depende de um conjunto de fatores e um deles muito importante é a formação docente, na qual temos que compreender que conhecimentos o docente possui sobre esse campo, qual a sua proximidade com os sujeitos campestinos e sua apropriação quanto ao contexto desses. Diante dessa perspectiva, durante o diálogo com a docente (D1) foi possível verificar que concepção possui sobre o papel do professor quando nos diz que:

O professor é o sujeito do processo de formação do aluno, nesse processo o da contextualização, os métodos de ensino e aprendizagem escolar são fundamentais na formação do indivíduo. É papel do professor fazer com que os alunos participem ativamente e interajam sendo o principal agente nas atividades vivenciadas, agindo de forma participativa (EXTRATO DE ENTREVISTA, D1, OUTUBRO de 2016).

Assim, identificamos que o professor é um dos principais responsáveis por promover situações de ensino e aprendizagem que possam ser vividas em sua plenitude de forma contextualizada, que se realiza a partir da concepção que o professor tem sobre a educação e o pensamento sobre que sujeitos este pretende formar. Esse processo parte da também da formação do professor, nesse sentido Alencar (2010) pontua:

Há demanda de professores com conhecimentos, encaminhamentos didáticos e interesses sobre as necessidades de aprendizagem e de produção de conhecimento do povo do campo. Segundo Arroyo (2011), o professor do campo deve se autorreconhecer como sujeito ativo, afirmativo e se contrapor às concepções dominantes na cultura social e pedagógica inspiradora de propostas curriculares e didáticas de diretrizes e políticas curriculares compensatórias e moralizadoras. (p. 211)

É necessário que de fato, o profissional se inteire e faça parte dessa luta e historicidade dos povos, que possibilite a criticidade, a reflexão, o enfrentamento das lutas juntamente com os sujeitos, valorizando suas identidades. É muito importante conhecer esses sujeitos e suas realidades, viabilizando sua maior interação e planejamento com os mesmos, como descrito na seguinte fala:

A partir do momento que o educador consegue trazer para a sala de aula situações nas quais os alunos se identificam e interagem, ele consegue uma das condições fundamentais para o aprendizado do aluno, pois, a contextualização é conseqüentemente a interação e para que a mesma ocorra de modo eficaz é importante que o educador tenha um conhecimento sobre a realidade do aluno (EXTRATO DE ENTREVISTA, D1, OUTUBRO 2016).

No processo de ensino e aprendizagem por meio da contextualização é possível obter avanços na qualidade de ensino, para construir este processo e propiciar situações de aprendizagem contextualizada analisamos algumas metodologias e instrumentos didáticos que inserem a contextualização no processo de ensino e aprendizagem, do ponto de vista docente, revelam que:

Os instrumentos utilizados muitas vezes são construídos em sala pelos próprios alunos para uma melhor compreensão das atividades realizadas, pois, quanto mais se trabalhar com o que é oferecido no campo o aluno valorizará (EXTRATO DE ENTREVISTA, D1, OUTUBRO 2016).

Percebe-se uma preocupação em colocar os sujeitos como construtores do ensino, com metodologias voltadas para os sujeitos e suas especificidades, trabalhando com os aspectos do próprio campo. Assim, complementa:

[...], mas a educação do campo trabalha a realidade dos alunos ali inseridos numa devida comunidade, trabalhando com os recursos oferecidos do que vem do campo, facilitando a melhor compreensão dos alunos nas atividades (EXTRATO DE ENTREVISTA, D1, OUTUBRO DE 2016).

Então, trabalha-se numa perspectiva em que eles constroem suas aprendizagens, com vivências práticas em que possam realizar a troca de saberes, troca de experiências, o diálogo de forma a interpretar seu contexto em torno da comunidade. Nessa perspectiva, Sancristán e Gómez (2000) compreendem que:

É preciso transformar a vida da aula e da escola, de modo que se possam vivenciar práticas sociais e intercâmbios acadêmicos que induzam à solidariedade, à colaboração, a experimentação compartilhada, assim como a outro tipo de relações com o conhecimento e a cultura que estimulem a busca, a comparação, a crítica, a iniciativa e a criação (p. 26).

A vivência de situações contextualizadas proporcionam grandes transformações e contribuições no processo formativo dos sujeitos camponeses que se sentem representados por uma cultura de valor, de pertencimento. Destacamos, assim, algumas contribuições da contextualização quando esta se insere no processo de ensino e aprendizagem ressaltadas pelas docentes:

A contextualização busca colocar o aluno como indivíduo protagonista, trazendo o contexto do seu dia-a-dia, para a sala de aula, além de propor uma melhor interação entre o aluno e o meio escolar, trazendo aprendizagens significativas porque é um processo que facilita a compreensão do indivíduo (EXTRATO DE ENTREVISTA, D1, OUTUBRO DE 2016).

Os dados apontam que dessa forma há um processo que ocorre com interatividade, representatividade e multiculturalidade em que “Os alunos se mostram mais incentivados, interessados e engajados em todas as atividades do processo ensino/ aprendizagem e de projetos propostos” (EXTRATO DE ENTREVISTA, D2, OUTUBRO 2016).

As concepções docentes aqui analisadas revelam a importância da contextualização no processo de ensino e aprendizagem em que se capacitam os sujeitos que se formam a partir de sua própria realidade, como elemento facilitador de aprendizagem

em que os alunos se identificam e participam de forma ativa, tendo uma formação humana e social que o integra aos saberes de sua comunidade e outros. Assim, estabelece-se uma relação dialética de trocas, de ressignificação, de recontextualização de suas lutas, espaço e tempo. Dessa forma, como descrito por Alarcão (2008, (p. 63):

Os indivíduos participam criadoramente da cultura ao estabelecer uma relação viva e dialética com a mesma. Quando trabalham em grupo, organizam suas trocas e dão significados a suas experiências, assumindo progressivamente posturas críticas sobre o mundo que as rodeia.

Contudo, a contextualização articulada ao ensino se revela em uma aprendizagem de emancipação desses sujeitos que produzem sua própria cultura, identidade e costumes e lutam pela conquista de uma educação permanente de qualidade que esteja de acordo com suas especificidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados revelam que a contextualização articulada com o ensino e aprendizagem viabiliza, através da atuação docente, situações em que o aluno possa refletir sobre seu contexto, reconhecê-lo e vivenciá-lo; bem como a valorização das diferentes culturas, da comunidade e dos saberes. Sendo um processo facilitador e muito mais significativo para os sujeitos do campo, onde se tornam centrais nesse processo.

A saber, sendo o professor o principal orientador desse processo de ensino e aprendizagem, este necessitará de uma formação voltada para a educação do campo para que possa compreender de fato esse campo de estudo e buscar atingir os objetivos propostos pela educação do campo e sua real importância.

As concepções docentes revelaram que o processo de contextualização produz grandes contribuições no ensino tais quais a interatividade, troca de saberes, troca de experiências, o autorreconhecimento de sua identidade e de sua comunidade.

Em suma, além de compreender a importância de uma educação contextualizada, suas contribuições e elementos para seu desenvolvimento, acreditamos que diante da concepção das docentes necessitamos ainda compreender e observar como é realizado processo de desenvolvimento de aprendizagem contextualizada desses sujeitos, se suas concepções se concretizam no chão da escola.

REFERÊNCIAS

ALARCÃO, Isabel. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. Ed.6. São Paulo: Cortez, 2008.

ALENCAR, F. S. **Educação do campo e a formação de professores: construção de uma política educacional para o campo brasileiro**. Ci. & Tróp., Recife, v.34, n. 2, p. 207-226, 2010.

ARROYO, M. G.; CALDART, R. S.; MOLINA, M.C. (org.). **Por uma educação do campo**. Petrópolis: Vozes, 2004.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**, Lisboa: Edições 70, 2010.

LIBÂNEO, J. C. Ensinar e aprender, aprender e ensinar: o lugar da teoria e da prática em didática. In. LIBÂNEO, J. C; ALVES, N. A. **Temas de Pedagogia: diálogos entre didática e currículo**. São Paulo: Cortez, 2012.

MANZINI, E. J. **A entrevista na pesquisa social**. Ed. Didática, São Paulo, 1991.

MARCANI, M. A. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados**. Marina de Andrade Marcani; Eva Maria Lakatos.6ªed. São Paulo: Atlas, 2006.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. **Ensino: as abordagens do processo**. São Paulo- Editora EPU, 1986.

MUNARIM, A.; BELTRAME, S.; CONTE, S. F.; PEIXER, Z. I. (Orgs.). **Educação do campo: reflexões e perspectivas**. Florianópolis: Insular, 2010.

SANCRISTAN, J. Gimeno. GOMEZ, A. I. Pérez. **Comprender e Transformar o Ensino**. Trad. Ernani F. da Fonseca Rosa. Ed.4. Porto Alegre, RS: Artmed, 1998.